

DOROTHY KOOMSON

a praia das  
pétalas de rosa

seria capaz de magoar  
alguém por amor?

Tradução de Irene Ramalho

## Prólogo

*Já ouviram falar da Praia das Rosas?*

Da lenda da mulher que renunciou a toda uma vida por amor? Percorria uma ilha deserta de lés a lés em busca do amado que se perdera no mar. O seu amor era tão raro e assombroso, tão profundo, tão belo e tão puro que, ao caminhar, os seixos aguçados da praia lhe feriam os pés e cada gota de sangue se transformava numa pétala de rosa, até que a praia se converteu numa manta de perfeitas pétalas vermelhas.

*Já ouviram falar da Praia das Rosas?*

Valerá a pena matar para a conhecer?

## Tami

*É aqui que a minha vida começa.*

Não há trinta e seis anos num hospital em Londres. Não há dezassete anos quando deixei a casa dos meus pais para ir viver sozinha num estúdio alugado, jeitoso mas compacto. Não há catorze anos quando me mudei para Brighton. Não há doze, quando me casei. Nem sequer há nove anos quando tive a minha primeira filha, nem há sete quando tive a segunda. A minha vida começa agora.

Com dois corpulentos agentes da polícia fardados e uma agente esguia e à paisana na minha sala de estar, prestes a levar o meu marido.

*Há cinco minutos*

Há cinco minutos a Cora, a minha filha de nove anos, estava de cabeça para baixo apoiada nas mãos. Estava a mostrar ao pai o que tinha feito na aula de ginástica.

– Um dia quero ir aos Jogos Olímpicos – dissera ela. Os caracóis, divididos em duas tranças cuidadosamente elaboradas, pendiam-lhe dos lados do rosto e apertava a barriga enquanto os braços lhe tremiam com o esforço de se manter tanto tempo de cabeça para baixo. Anansy, a nossa pequena de seis anos, estava aninhada a um canto do grande sofá de pele, no seu pijama de flanela cor-de-rosa coberto de ovelhas, a contar uma daquelas anedotas que começam com “Truz, truz. Quem é?”

O Scott tinha, finalmente, posto de lado o telemóvel e o *Blackberry*, que não largara desde que entrara em casa, durante todo o jantar nem agora

nos poucos minutos em que podíamos estar todos juntos antes da hora de deitar das garotas. Àquela hora da noite, começava a sentir-me tentada a aproximar-me dele com toda a calma, tirar-lhe os dois aparelhos das mãos e, com a mesma serenidade, esmagar os ecrãs com o salto do sapato. Se eu quebrasse o elo, se cortasse a ligação ao escritório, talvez ele saísse finalmente do trabalho e a cabeça dele se reunisse ao corpo, cá em casa.

### *Há três minutos*

Há três minutos era eu quem estava mais perto da entrada da sala de estar e, por isso, quando a campainha soou, seguida de uma pancada breve e sonora, e depois de observar a Cora a desabar com alívio (mas em segurança) para o chão, dirigi-me à porta azul da entrada. Não esperava ninguém, porque todos os nossos conhecidos ligariam antes de vir cá a casa e, mesmo os vizinhos que costumavam fazê-lo, tinham sido “treinados” para enviar um SMS ou telefonar antes. Já ninguém aparecia sem avisar. Deslocara-me até à porta com a ansiedade a morder-me os calcanhares. De manhã, enquanto lavava a loiça do pequeno-almoço, avistara uma pega solitária empoleirada na vedação e outro desses pássaros alvinegros a saltitar pelo jardim quando regressara a casa de ir buscar as miúdas à escola.

Quando abri a porta e vi quem era, três pessoas cuja presença ali não tinha qualquer cabimento, lembrei-me do sal que derramara ao jantar alguns dias antes e que, simplesmente, deitara fora, em vez de lançar primeiro uma pitada por cima do ombro. Pensei no escadote por baixo do qual tinha passado no mês anterior, sem sequer me dar conta do que tinha feito. Vieram-me à memória as rachadelas nos passeios que toda a vida pisara, sem me preocupar com as consequências que daí pudessem advir, com o seu potencial para fraturar o meu mundo algures no futuro.

### *Há um minuto*

Há um minuto, pensei com os meus botões: *Quem terá morrido?*, precisamente ao mesmo tempo que a agente disse:

– Boa tarde, Sra. Challey. O seu marido está?

Assenti com um gesto de cabeça e nem esperaram que os convidasse a entrar. Dirigiram-se imediatamente à sala de estar, como se já conhecessem a casa, como se estivessem habituados a invadir a minha vida e o meu espaço sem precisar de convite.

*Agora*

E aqui estamos nós, no presente, o momento em que a minha vida está prestes a começar. Sei que está prestes a começar, porque sinto o mundo à minha volta a transmutar-se: a atmosfera alterou-se; a sala de estar, igual a qualquer outra com um sofá e duas poltronas, um tapete e uma lareira e fotografias das miúdas penduradas nas paredes em maior número do que o estritamente necessário, parece estranhamente diferente com estas pessoas aqui. Estes *agentes da polícia*. A minha vida está prestes a começar, porque sinto os fios da minha realidade a desprenderem-se à minha volta, prontos a urdir uma nova e desconhecida trama.

– Sr. Scott Challey – diz a agente movendo os lábios num ritmo bizarro, ora lento, ora acelerado.

Vejo tudo em câmara lenta, por isso, demoro séculos a chegar à Cora e à Anansy e a puxá-las para mim, para as abraçar enquanto a agente fala. E vejo tudo acelerado, pois, ainda há um segundo, os agentes estavam à porta e agora já estão a algemar o Scott. A agente continua:

– Estou a detê-lo por suspeita de... – E cala-se, interrompe a acusação, o crime que causou tudo isto. Não parece ser do tipo nervoso ou acanhado, mas aparentemente é conscienciosa. Ao que parece ainda não tinha reparado nas garotas, mas agora cala-se e lança-lhes um olhar moroso mas fugaz, antes de fixar os olhos no Scott. O olhar íntimo de uma completa desconhecida, que revela que partilham algo que não precisa de ser dito, uma ligação que não requer palavras. Em resposta, o Scott, já algemado, com uma postura rígida e ereta, acena-lhe discretamente. Está a concordar que ela não o diga em frente das crianças, a admitir que não precisa de o fazer porque ele já sabe do que se trata.

Claro que ele sabe do que se trata. No meio do pesadelo, com as crianças agarradas a mim e eu a tentar tranquilizá-las enquanto procuro compreender tudo o que está a acontecer, passou-me ao lado a reação do Scott a tudo isto: tem uma expressão ansiosa, apreensiva, mas não *horrorizada*. Não está a reagir como nós, porque sabia que isto havia de acontecer.

*Mas o que se passa aqui?*

Sinto os dedos gelados ao tentar virar a cabeça da Cora para mim. A Anansy, que tem um medo terrível da polícia desde que lhe disse que, se

voltasse a roubar alguma coisa na loja da esquina eles viriam buscá-la, já enterrou a cabeça no meu corpo, que estremece com o choro dela.

– Não é obrigado a dizer nada – continua a agente, sem tirar os olhos do meu marido. – Mas não mencionar em interrogatório algo que possa mais tarde declarar em tribunal prejudicará a sua defesa.

*Será isto coisa para chegar a tribunal? Não passa de um equívoco, com certeza. Só pode ser um equívoco.*

– Tudo o que disser poderá ser apresentado como prova.

O Scott observa-a com um olhar impassível enquanto ela fala.

– Compreende os direitos que acabei de lhe ler? – pergunta ela. O Scott responde com um aceno ligeiro e, a seguir, olha para mim. Sabe o que se passa, sabia que isto ia acontecer e não se deu ao trabalho de me avisar.

*Porquê?,* interrogo eu com o olhar. *Porque é que não me disseste que isto ia acontecer?*

Em vez de responder à minha pergunta silenciosa, desvia os olhos para a porta pela qual estão prestes a conduzi-lo.

Quando ficamos sozinhas, deixo-me cair de joelhos e aperto a Cora e a Anansy nos braços, trazendo-as para tão perto de mim quanto posso, para que se sintam seguras, para me sentir segura, para nos proteger de um mundo que se desmorona à nossa volta a uma velocidade impossível de acompanhar.

É aqui que a minha vida começa: com o som do choro das minhas filhas e a certeza de que a minha vida está a desfazer-se em pedaços.